



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
CURSO DE LETRAS**

JORDÂNIA FERREIRA DE OLIVEIRA

**ANÁLISE DE UMA PRÁTICA DE LEITURA NO FUNDAMENTAL II: Uma Análise
pelo Olhar do Estágio Supervisionado**

**GUARABIRA – PB
ABRIL – 2017**

JORDÂNIA FERREIRA DE OLIVEIRA

**ANÁLISE DE UMA PRÁTICA DE LEITURA NO FUNDAMENTAL II: Uma Análise
pelo Olhar do Estágio Supervisionado**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins.

**GUARABIRA – PB
ABRIL – 2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48a Oliveira, Jordânia Ferreira de
Análise de uma prática de leitura no fundamental II:
[manuscrito] : uma análise pelo olhar do estágio supervisionado /
Jordania Ferreira de Oliveira. - 2017.
20 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras -
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.
"Orientação: Juarez Nogueira Lins, Departamento de Letras".

1. Estágio Supervisionado. 2. Língua Portuguesa. 3.
Práticas de leitura. I. Título.

21. ed. CDD 028

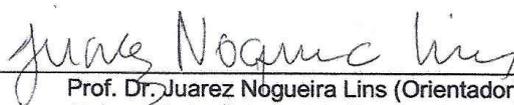
JORDÂNIA FERREIRA DE OLIVEIRA

**ANÁLISE DE UMA PRÁTICA DE LEITURA NO FUNDAMENTAL II: Uma Análise
pelo Olhar do Estágio Supervisionado**

Trabalho de conclusão de curso de graduação, apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras.

Aprovada em: 10/04/2017

Banca Examinadora


Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Antonio Flávio Ferreira de Oliveira (Examinador)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)


Prof. Ms. Evilásio dos Santos Silva (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

**GUARABIRA – PB
ABRIL – 2017**

EPÍGRAFE

Ensinar a ler é ensinar, antes de tudo, que o texto é significativo, e que as sequências discretas nele contidas só têm valor na medida em que elas dão suporte ao significado global (KLEIMAN, 2004).

RESUMO

Através do estágio supervisionado o estagiário entra em contato com a realidade de ensino e suas práticas. Isso oportuniza ao licenciando (a) não apenas observar, mas construir reflexões sobre essas práticas. Este estudo objetivou analisar uma das práticas de leitura observadas durante a vigência do estágio supervisionado. Para a análise contou-se com os subsídios teóricos de Pimenta e Lima (2010) sobre estágio, Bakhtin (2012) sobre o dialogismo/interacionismo, Kleiman (2004) sobre leitura, Antunes (2003) e Geraldi (2006) e, a abordagem metodológica foi qualitativa, de cunho descritivo e interpretativista. Os resultados apontam para uma prática de leitura pautada no uso do Livro Didático (LD) sem maiores reflexões por parte do professor (a) e utilizada para exercitar a leitura em voz alta e a interpretação do texto, sem explorar outras possibilidades do texto.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Língua Portuguesa. Práticas de leitura.

ABSTRACT

Through the supervised internship the trainee gets in touch with the reality of teaching and its practices. This allows the licensee not only to observe but to construct reflections on these practices. This study aimed to analyze one of the reading practices observed during the supervised stage. The analysis was based on the theoretical subsidies of Pimenta and Lima (2010) on stage, Bakhtin (2012) on dialogism/interactionism, Kleiman (2004) on reading, Antunes (2003) and Geraldi (2006). Methodological approach was qualitative, descriptive and interpretative. The results point to a practice of reading guided by the use of the Didactic Book (LD) without further reflection on the part of the teacher and used to exercise reading aloud and the interpretation of the text, without exploring other possibilities of the text.

Keywords: Supervised Internship. Portuguese Language. Reading practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. SOBRE ESTÁGIO SUPERVISIONADO	07
1.1 O Estágio Supervisionado e o Estágio de Letras	08
1.2 O Contexto da Pesquisa: a instituição escolar e a turmas	11
2. AS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E SUAS IMPLICAÇÕES	12
3. PRÁTICAS DE LEITURA NA SALA DE AULA	13
3.1 A Apresentação da Atividade de Leitura.....	13
3.2 A Análise da Atividade de Leitura	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	20

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado oferece ao estagiário a oportunidade de vivenciar a realidade do ensino de Língua Portuguesa (LP), no espaço escolar. Lá, este estagiário observa e analisa aquela realidade (PIMENTA, 2010). Foi justamente no estágio I, observação, que se pode entrar em contato com várias práticas de ensino de LP, e dentre elas, levantar reflexões sobre as práticas de leitura, competência muito relevante nas aulas de português.

Tendo em vista a necessidade de propiciar ao aluno da escola básica, uma leitura que perpassa a superfície do texto – uma leitura que aponte para as várias possibilidades de significados – surgiram as seguintes perguntas: que práticas de leitura o professor (a) utiliza na sala de aula? Elas contribuem para a construção de um leitor proficiente, aquele que vê além das aparências? Postas as questões, objetivou-se analisar uma das práticas de leitura utilizada pelo (a) professor (a) nas aulas de Língua Portuguesa, observadas durante o estágio supervisionado.

Para atingir o objetivo buscou-se respaldo teórico nas contribuições de Pimenta e Lima (2010) sobre estágio, Bakhtin (2012) sobre o dialogismo/interacionismo, Kleiman (2004) sobre leitura, Antunes (2003) e Geraldi (2006) sobre práticas de leitura entre outros. E, metodologicamente, optou-se por uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, pois descreve e analisa o Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP). E ainda, observação não participante.

Definida a metodologia dividiu-se o artigo em 04 tópicos: o primeiro traz um panorama breve sobre o estágio supervisionado. O segundo aborda as concepções de língua e suas influências sobre a leitura. E o terceiro apresenta e analisa a prática de leitura vivenciada nas aulas de português.

1. SOBRE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Neste tópico apresentaremos uma visão geral sobre o estágio supervisionado e sobre o estágio enquanto componente curricular do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, no campus III.

1.10 Estágio Supervisionado e o Estágio Supervisionado de Letras

O Estágio é definido pela Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, como “o ato educativo escolar supervisionado” que se desenvolve no ambiente de trabalho (empresa, escola ou outras instituições). Objetiva preparar o aluno para a realidade profissional – aproximar o aluno à área na qual irá trabalhar, visto que, na maioria das vezes, o estágio é o primeiro contato que o aluno tem com sua futura área de atuação. Assim, o estágio supervisionado, obrigatório integra o itinerário formativo do educando e faz parte do projeto pedagógico de cada curso, seja bacharelado ou licenciatura.

No que diz respeito às licenciaturas, o estágio supervisionado é extremamente importante para a formação dos futuros professores (as). É o momento em que o licenciando tem a possibilidade de aplicar seus conhecimentos teórico-práticos, de participar e conhecer a heterogeneidade da instituição escolar e do cotidiano docente. Além de ser uma experiência prática, o estágio pode provocar reflexões nos estudantes, que confrontam os conhecimentos adquiridos durante o curso de licenciatura e a realidade encontrada nas escolas (PIMENTA e LIMA, 2010).

Nesse contexto escolar o (a) licenciando (a) observará a prática pedagógica dos professores regentes, associará teoria à prática, e fará, também, questionamentos/reflexões sobre o trabalho docente observado em sala de aula – uso de recursos didáticos, estratégias didáticas, estratégias de avaliação, relação com os alunos, domínio de sala de aula, entre outras.

Nessa perspectiva, o estágio, inicialmente, acontece através da observação, na qual ocorrem análises prévias do contexto atual e real de ensino, posteriormente, o licenciando (estagiário) planejará sua aula, para então regê-la sob o olhar atento do professor da escola-campo.

Nas licenciaturas o estágio ajuda a preparar o futuro professor (a) para a realização de atividades nas escolas, atividades que implicam diretamente no enriquecimento de suas competências pedagógicas ajudará na construção da sua formação profissional. Como enfatiza Pimenta e Lima (2010) o objetivo do estágio é preparar o futuro professor para a realização de atividades nas escolas, para o

exercício de análise, avaliação e crítica dos desafios que a realidade escolar revela e, levá-los a atuar com os professores nas salas de aula.

Como podemos perceber o estágio, de certa forma, incentiva o licenciando (a), também, a pesquisar possibilidades de melhorias no ensino das escolas públicas. E ainda, contribuindo para a formação da identidade profissional destes (as) futuros professores (as).

No que diz respeito às licenciaturas da Universidade Estadual da Paraíba a Resolução UEPB/CONSEPE/08/2006, afirma, no seu Art.1º - “O Estágio Obrigatório constitui-se em um componente curricular estabelecido no Projeto Pedagógico do Curso, sendo indispensável para obtenção do diploma”. Nesse sentido, a Resolução afirma o estágio enquanto obrigatoriedade para a qualificação profissional do licenciando (a). Uma experiência prática indispensável para as licenciaturas e para aqueles que pretendem se efetivar na docência, muito embora, essa experiência de estágio, assumam particularidades metodológicas, em cada universidade, campus.

Na UEPB, Campus III, no curso de Letras o Estágio Supervisionado apresenta atualmente, a seguinte estrutura: Estágio Supervisionado I – contempla o Estudo e a análise da situação da prática docente de Língua Portuguesa na escola brasileira. Observação das práticas didáticas nas escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio. E os Estágios Supervisionados II e III contemplam intervenções (experiências didáticas no Ensino Fundamental e Médio, respectivamente) na prática docente de Língua Portuguesa nas escolas de Guarabira/PB. Os componentes curriculares objetivam de modo geral:

Vivenciar e intervir na prática docente no Ensino Fundamental e Médio (Observação e Regência), no intuito de caracterizar as diferentes competências dos profissionais inseridos no universo formal da educação, de modo a incentivar o estagiário a adquirir os elementos fundamentais para o desempenho de suas funções enquanto futuro profissional de educação. Prover as condições e os meios - conhecimentos, métodos, técnicas e organização do ensino - para assegurar ao estagiário a vivência prática do magistério de Língua Portuguesa (instruindo o aluno/estagiário a dominar as habilidades de ensino, para empregá-las, adequadamente, no espaço da sala de aula).

E, especificamente, para as duas modalidades do ensino básico, Fundamental e Médio, os seguintes objetivos:

Discutir o ensino da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e Médio (6º ao 9º anos e 1º ao 3º anos).
Realizar um diagnóstico da escola-campo e das condições de pré-requisitos da aprendizagem do seu alunado;

Identificar problemas de ensino da Língua Portuguesa e propor alternativas metodológicas adequadas, para sanar das distorções detectadas.
 Selecionar, confeccionar e aplicar métodos, técnicas e multimeios diversos, compatíveis com os conteúdos e os estudos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem;
 Elaborar o plano de curso, de unidades e de aula;
 Ministras aulas nas turmas de Ensino Fundamental das escolas-campo;
 Organizar e realizar atividades que estimulem o gosto dos alunos pela leitura e produção de textos;
 Elaborar relatório sobre o estágio supervisionado (Relatório de Regência no Ensino Fundamental e Médio).

Para contemplar estes objetivos propostos o percurso metodológico dos componentes curriculares (Estágio I, II e III), presentes nos dois últimos anos do curso, segue, em linhas gerais, as seguintes etapas:

Apresentação dos alunos, do Plano de Curso, Entrega das Fichas de Observação e Regência, Discussão sobre as aulas de Língua Portuguesa, a postura do professor de Língua Portuguesa;
 Construção de Projetos Didáticos de Língua Portuguesa;
 Observação de 16h, sendo 08 no Ensino Fundamental e 08 no Ensino Médio;
 A aula de Língua Portuguesa a partir de gêneros textuais;
 Preparação de planos de aula de Língua Portuguesa para regência no Campus;
 Critérios para análise do Livro Didático de Língua Portuguesa;
 Regência de micro/aulas de Língua Portuguesa no campus: preparação para as regências;
 Ida às Instituições de Ensino para discutir com os gestores e professores as regências, bem como coletar de dados: sobre as escolas, sobre o professor e a disciplina de Língua Portuguesa – horários, conteúdos, planejamento;
 Planejamento das Regências;
 Regência de 16 horas-aula de Língua Portuguesa (Ensino Fundamental e Médio) em escolas públicas localizadas em Guarabira;
 Apresentação das fichas de registro de aula, ficha de avaliação dos professores, planos de aula, os textos utilizados, anotações sobre as turmas e as escolas e discussão sobre as regências realizadas;
 Orientações em sala de aula do relatório de regência;
 Entrega do Relatório Final de Estágio (Observação e Regência).

Esses objetivos nem sempre são atingidos, e nem sempre é possível seguir todo o aporte metodológico, em virtude de fatores que extrapolam o planejamento do componente curricular e o seu desenvolvimento ao longo do curso. Mas acredita-se que nos moldes apresentados aqui, que o estágio no curso de Letras do Campus III, possibilita, além de uma experiência prática, reflexões nos estudantes, que confrontam os conhecimentos adquiridos durante o curso de licenciatura e a realidade encontrada nas escolas públicas de Guarabira, conforme orientações de Pimenta e Lima, (2010).

Nos tópicos seguintes, apresentaremos uma contextualização do espaço, da turma e das práticas de leitura que constituíram o estágio supervisionado de Letras.

1.2 O Contexto da Pesquisa: A instituição escolar e as turmas

Partindo do princípio de que o estágio curricular supervisionado é o tempo de aprendizagem que se constitui por um período de permanência, de alguém em algum lugar para aprender a prática do mesmo e, depois poder exercer uma profissão (PRADO, 2004) passamos ao seguinte relato:

Durante o Estágio Supervisionado I, estágio de observação, foi possível observar (observação não participante) e analisar algumas aulas do ensino básico, de instituições públicas de ensino da cidade de Guarabira/PB. Visitamos uma escola para realizar o estágio: a escola pública estadual Professor Antônio Benvindo.

Provida de boa estrutura física, a instituição estava adaptada às condições dos alunos, professores e funcionários. Além disso, estava provida também, de equipamentos tecnológicos básicos, como computadores, retroprojetores, os quais eram muito utilizados pelos professores para reforçar e/ou aprimorar o ensino-aprendizagem dos alunos.

A escola registra um bom número de alunos da cidade de Guarabira, mas a maioria é oriunda das regiões periféricas da cidade e uma minoria da zona rural da cidade. A instituição é dotada de amplo espaço físico, todavia, o número de alunos em cada sala era excessivo. Fator que muitas vezes atrapalhava o trabalho do professor e o aprendizado dos alunos. A escola apresenta um espaço destinado à leitura – biblioteca, com um rico acervo da literatura canônica e obras contemporâneas, canônicas ou não, leituras que por sinal, deveriam ser mais exploradas pelos professores das turmas observadas.

No que diz respeito às turmas, eram agitadas, em média 40 alunos por série, compostas na maioria por crianças na faixa etária entre 10 e 12 anos. Nesse ambiente, a sala cheia, qualquer conversa paralela deixava a turma dispersa. A maioria dos alunos apresentavam comportamentos que chegavam a atrapalhar o profissional: conversar em voz alta, brincar com o celular, cantarolar, sair da sala sem pedir licença... Agiam às vezes, como se o professor não estivesse presente. A maioria dos alunos apresentavam dificuldades de leitura.

Depois desse breve relato, apresentamos em seguida, as concepções de língua e sua influência sobre o ensino da leitura.

2. AS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E SUAS RELAÇÕES COM O ENSINO-APRENDIZAGEM DA LEITURA

A concepção de língua, historicamente, influenciou a concepção de leitura. Em Soares (1998), se vê as três concepções de língua e suas implicações para o ensino de Língua Portuguesa: a língua como expressão de pensamento e marcou o ensino de Língua Portuguesa até a década de 50. Ela atendeu a uma ideologia da época, ou seja, privilegiou as gramáticas pedagógicas dentro de um modelo social em que a escola era o lugar da perpetuação dos privilégios da classe social economicamente abastada (SOARES, 1998).

Essa concepção de língua como expressão do pensamento acarretou a manutenção desses privilégios em detrimento da exclusão dos grupos sociais economicamente pobres. Expressar o pensamento significava falar e escrever bem, situação restrita aos grupos sociais ricos.

Nesta visão, reducionista, o conceito de leitura é visto como decodificação dos signos verbais dispostos na superfície do texto. Assim, o leitor encontra-se à margem do processo da leitura, alheio ao sentido do que ele lê, uma vez que, preso aos sinais mais visíveis do texto, nem desconfia dos vários significados que a leitura de um texto pode oferecer. Lê-se para decodificar letras, para copiar palavras, frases, sublinhar ditongos, dígrafos. Enfim, leitura é decifração do texto.

Nos anos 60, em virtude de questões socio-históricas, econômicas e ideológicas, surgiu a língua como instrumento de comunicação. Necessitava-se de mão de obra escolarizada, e isso forçou, no Brasil, o processo de escolarização dos grupos sociais pobres.

A língua passou a ser vista como um instrumento de comunicação no sentido mesmo de acesso ao código da escrita, bastando-se, para isso, operar processos como codificar e decodificar signos. Era a época da ditadura militar e, para esse regime, talvez fosse mais conveniente instrumentalizar os alunos de classes populares para a codificação e decodificação da escrita ao invés de ensiná-lo a ler em uma perspectiva socio-histórica de língua.

Para essa concepção, o texto nada mais é do que um depósito de informações, e a leitura é o ato de o leitor ler as palavras para extrair mensagens. Segundo Kleiman (2004) nesse sentido, interpretar é ler palavra por palavra,

bastando conhecer o significado literal de cada uma delas. Após a leitura pede-se a mensagem do texto.

A partir de meados da década de 80, o quadro do ensino de Língua Portuguesa começou a sofrer influência da visão de língua sociointeracionista, em virtude dos avanços nos estudos da linguagem, particularmente: a Pragmática, a Análise da Conversação, a Análise do Discurso, a Sociolinguística, já iniciados na década de 70.

O conceito de língua como prática de interação acarreta mudanças para a discussão sobre o ensino de Língua Portuguesa. A língua passa a ser vista em uma perspectiva bakhtiniana: atividade dialógica, socio-histórica e ideológica (BAKHTIN, 2012). Deixando assim, de ser percebida não apenas em sua estrutura interna, mas também em sua exterioridade.

Nessa concepção, a leitura é vista como um processo de compreensão, sendo esta uma atividade interativa e complexa de produção de sentidos, que se realizam com base nos elementos linguísticos presentes no texto e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes e sua reconstrução no interior do evento comunicativo. Assim, o sentido da leitura é construído no processo da interação entre autor/leitor, mediado pelo próprio texto.

Para entendermos melhor como as diferentes concepções de língua permeiam as práticas escolares de ensino de leitura, passaremos a observar, no tópico seguinte, uma proposta de leitura no ensino fundamental II, efetivada em uma escola pública de Guarabira/PB, observada, durante o Estágio Supervisionado de Letras.

3. A PRÁTICA DE LEITURA NA SALA DE AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Neste tópico, apresentaremos e analisaremos 01 (uma) prática de leitura, na aula de Língua Portuguesa, observada durante o estágio Supervisionado de Letras em uma Escola Pública, de Ensino Fundamental de Guarabira/PB.

3.1 A APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE DE LEITURA

Durante o estágio, pudemos anotar algumas práticas de leitura efetivadas nas aulas de Língua Portuguesa, dentre as quais destacamos: a Leitura individual e

coletiva, feita pelos alunos, a Leitura feita pela professora, a Leitura em voz alta, a Leitura para decorar conteúdos e a Leitura para interpretar o texto, Leitura para passar o tempo da aula. Na atividade abaixo, proposta do LD¹, destacamos duas dessas práticas, para analisar: leitura para interpretação e leitura em voz alta.

A atividade de leitura proposta, na aula observada, tratou-se do Texto três, intitulado: *A namorada*² do autor Manoel de Barros. Como procedimentos, a professora disse que iria realizar uma leitura com os alunos; disse que era sobre um assunto que interessaria a eles; pediu que abrissem o livro na página 32 e em seguida leu o texto. Pediu que 05 alunos lessem o mesmo texto, em voz alta, com o objetivo de avaliar as formas de leitura. E, em seguida leu as questões e pediu que os alunos respondessem-nas.

O (a) docente ao seguir esse procedimento didático, não levou em consideração que ler o implícito é uma tarefa que requer a compreensão de categorias vinculadas a essa atividade. Embora o livro didático tenha em si um encaminhamento por meio de normas, uma vez que rege as ações do professor, esse trajeto pode ser permeado de enfoques inter-relacionados, como se o trabalho não se esgotasse ao final de cada unidade do livro, mas acionasse o exercício da leitura de outros livros, de ruas, de pessoas, enfim, de mundo, o que pode garantir a leitura do implícito.

Numa breve análise da obra *Diálogo*, destacaram-se alguns objetivos verificados: 1. Leitura como uma forma ampla de ler o mundo; 2. Leitura não apenas centrada no texto escrito; e, por fim, 3. Estratégias de leitura investigativa, tendo o leitor um objetivo claro ao se deparar com qualquer tipo de texto.

Levando-se em consideração os pressupostos teóricos, até o presente momento, percebemos que as preocupações acima estão relacionadas às múltiplas possibilidades de lidar com o texto, tendo em vista ora a autoria, ora o leitor, ora o texto em si, ora todos os fatores considerados no processo de interação que é a leitura.

Numa visão panorâmica da situação, pode-se dizer que esse quadro segue o objetivo de formação do leitor proficiente, e é por isso que se resolveu analisar a prática de leitura, a partir do livro didático.

¹ Livro Didático: *Diálogo Língua Portuguesa*. Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho. São Paulo, Editora FTD, 2012. 7º Ano.

² Manoel de Barros. *Tratado Geral das grandezas do ínfimo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

E assim, segue-se a proposta de atividade: leitura e algumas questões, retiradas do livro didático *Diálogo*.

Figura 01: **Texto 03**

A namorada

Havia um muro alto entre nossas casas.
 Difícil de mandar recado para ela.
 Não havia *e-mail*.
 O pai era uma onça.
 A gente amarrava o bilhete numa pedra presa por um cordão
 E pinchava a pedra no quintal da casa dela.
 Se a namorada respondesse pela mesma pedra
 Era uma glória!
 Mas por vezes o bilhete enganchava nos galhos da goiabeira
 E então era agonia.
 No tempo do onça era assim.

Manoel de Barros. *Tratado geral das grandezas do infimo*.
 Rio de Janeiro: Record, 2001.

entre currais, o que marcou definitivamente sua obra.
 Seu primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado*, foi feito de forma artesanal, com uma tiragem de 21 exemplares, que distribuiu entre os amigos. Sua publicação aconteceu em 1937.
 Sua vasta obra inclui livros premiados como: *Compêndio para uso dos pássaros* (1960), *Gramática expositiva do chão* (1966) e *Livro sobre nada* (1996).
 Hoje é reconhecido nacional e internacionalmente como um dos poetas mais originais e importantes do Brasil.

Fonte de pesquisa: www.releituras.com/manoeldebarros_bio.asp

Fonte: *Diálogo* – Língua Portuguesa – 2012.

O texto 03 se refere a um poema de João de Barros. O gênero poema é um dos mais presentes no Livro Didático pesquisado. Este, de forma livre, quase um relato, aborda um tema que já interessa a faixa etária (10, 11 e 12 anos), presente na sala de aula do 7º ano.

Um texto curto, aparentemente, uma leitura de fácil desenvolvimento, no entanto, nem todos os que leram, o fizeram com desenvoltura. Em seguida, apresentamos algumas questões, presentes na seção *Dialogando com o texto*, para interpretação, a partir do texto, pelos alunos.

Figura 02: **Dialogando com o texto**



Dialogando com o texto

1. No poema *A namorada*, o eu lírico anuncia o seu jeito de se comunicar com a namorada.

- Que verso conta o que dificultava ou impedia a comunicação entre os namorados?
- Que verso(s) sugere(m) que o eu lírico se refere a uma outra época, diferente da atual?

2. Leia os versos.

- “O pai era uma onça.”
- “No tempo do onça era assim.”

Consulte um dicionário, converse com os colegas e explique a diferença de significado da palavra **onça** nesses versos.

3. A forma de comunicação entre o eu lírico e a namorada era bem-sucedida quando a namorada respondia pela mesma pedra.

- Que verso indica que esse momento era motivo de felicidade para o eu lírico?
- Em que situação a comunicação não era bem-sucedida? Que verso transmite a apreensão do eu lírico?

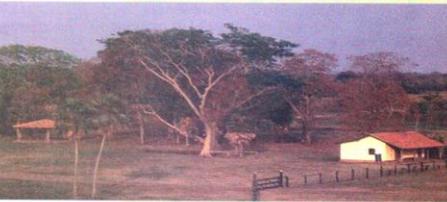
4. O que é possível deduzir sobre os motivos de o eu lírico:

- considerar uma “glória” se a namorada respondesse na mesma pedra?
- considerar uma “agonia” se o bilhete enganchasse nos galhos da goiabeira?

5. No poema, o eu lírico cita o *e-mail* como um recurso de comunicação que ainda não existia naquele tempo. Considerando que o pai da namorada era uma onça, o que fica subentendido a partir do verso “Não havia e-mail.”?

A poesia de Manoel de Barros é marcada por sua vivência no Pantanal, onde cresceu e brincou com bolas de meia e automóveis de lata, brincadeiras no quintal, tantas vezes revisitado em seus poemas. Observe, num trecho do livro *Memórias inventadas: a infância*, como essa temática aparece em seus textos:

“Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. [...] Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa. [...]”



Fabio Colombara

33

Fonte: Diálogo – Língua Portuguesa – 2012.

As questões de 01 a 05 voltam-se, em sua maioria, para a estrutura do texto e não para aprofundar o caráter dialógico que está presente em todo texto, como afirma Bakhtin (2012) e, é sugerido também, no título do livro: *Diálogo*, mas que não se concretiza efetivamente, nesse sentido afirmado por aquele autor.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2012, p. 117)

No entanto, na borda da página, em que se encontram as questões, há um breve diálogo com o espaço que inspirou o autor do poema, o poeta Manoel de Barros. Este apêndice traz a voz do poeta, para o embate, para complementar a voz do eu-lírico. Esse diálogo se identifica melhor com o viés bakhtiniano.

A seguir, a análise da atividade de leitura, proposta a partir do poema *A namorada* e, as questões formuladas sobre esse poema, no livro didático de Língua Portuguesa.

3.2 A ANÁLISE DA ATIVIDADE DE LEITURA

Como pudemos perceber, a prática de leitura restringiu-se ao Livro Didático (LD), sendo, portanto, uma leitura imposta, tanto pelo MEC, que avaliou os livros e os conteúdos, que enviou os livros para as escolas que por sua vez, os repassaram aos professores; quanto por estes profissionais, que utiliza o LD como instrumento principal, na aula de LP e não buscam outros subsídios.

O objetivo principal da leitura realizada foi interpretar o texto, não havendo espaço para ler por prazer, Geraldini (2006). As práticas de leitura restritas ao livro didático baseiam-se, em uma concepção da atividade como equivalente à atividade de decodificação. Essa concepção dá lugar a leituras dispensáveis, uma vez que pouco, ou em nada modificam a visão de mundo do aluno.

Essa atividade passa por leitura, quando a verificação da compreensão, também chamada, no livro didático, de “interpretação”, exige apenas que o aluno responda perguntas sobre informação que está expressa no texto. Essa concepção vê, pois, a leitura como decodificação (Kleiman, 2004).

Outro aspecto que destacamos foi à questão da leitura em voz alta, que segundo Kleiman (2004) tem uma função avaliativa. Sendo assim, é a concepção de leitura como avaliação que justifica o fato de os professores aferirem a compreensão da leitura dos alunos por meio da leitura em voz alta.

Dentre as várias restrições feitas a essa prática, destacam-se, entre outros, os efeitos negativos para a perda da autoconfiança pelos alunos, sobretudo quando ela é fruto de uma imposição e não visa a um objetivo de aprendizagem pertinente para o desenvolvimento da leitura dos aprendizes. Isso não significa que a leitura em voz alta não deva ocorrer.

Segundo Antunes (2003), essa modalidade de leitura deve estar presente em contextos funcionais, e estes contextos devem ser claramente percebidos pelos alunos como situações comunicativas específicas, em que o sentido e a compreensão sobre o objetivo do ler em voz alta fiquem bem claros para os alunos.

Entretanto, isso na maioria das vezes não acontece, como não aconteceu nas aulas observadas.

E, enquanto estagiário, observando as aulas, não poderíamos intervir: sugerir, complementar, discordar. Essa opção nos é dada, no momento da Regência de aulas e/ou oficinas, onde se pode experimentar e buscar a articulação entre os nossos conhecimentos teóricos e as várias práticas de leitura desenvolvidas nas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio permitiu que entrássemos em contato com a realidade do ensino de Língua Portuguesa (LP), na escola básica: na sala de aula, nas aulas de português. Nesse espaço, o encontro de duas gerações de professores, o encontro de diferentes formas de saber, de teoria e realidade.

Nesses encontros, de observação não participante, permitido através do Estágio Supervisionado, pudemos trazer para o nosso estudo, algumas percepções, mínimas, sobre o ensino de LP.

Dentre as várias práticas observadas: de gramática, de leitura, de produção de texto, de oralidade, as de leitura foram as mais presentes, ao longo das 8h/aulas de observação da prática docente. Definido, pela relevância social, as práticas de leitura, como objeto de pesquisa, algumas considerações foram possíveis.

Do ponto de vista da teoria, ficou claro que hoje, se faz necessário vê a leitura como prática interativa, dialógica, no sentido bakhtiniano. Um diálogo com o mundo, pois não há uma única maneira de abordar o texto, e uma única maneira de interpretá-lo.

Deve-se buscar uma leitura em que a experiência do leitor, passe a contar para a construção do sentido do texto. Experiência que é indispensável para construir o sentido (KLEIMAN, 2004). Não há sentido absoluto, mas apenas reconstruções de significados, algumas mais e outras menos adequadas, segundo os objetivos e intenções do leitor.

Do ponto de vista da escola, das aulas de LP, ainda há um descompasso entre o que se prescreve e o que se faz na sala de aula. As teorias, pelo que pude observar, ou não chegam concretamente às escolas, ou são esquecidas, em virtude do isolamento do professor (a) que não recebem ajuda ou acompanhamento das

instituições, ou desconsideram o apoio teórico por acreditarem que é mais fácil seguir o que aprenderam no dia a dia da escola. Inserido nesse quadro, o professor (a) acaba por buscar aquilo que já está pronto, aquilo que amparado pelas instituições, não causa problema aparente para professores e alunos: o livro didático.

Nele, estão escolhidos os textos, as questões, os elementos gramaticais considerados relevantes, a metodologia e, em alguns, até testes para avaliar o aluno (a). Tornam-se assim, instrumentos únicos na sala de aula. Bom para o professor (a) que diminui sua carga de trabalho. Sem contestar o LD, as práticas muitas vezes, não favorecem o ensino-aprendizagem, da leitura, por exemplo.

Enfim, diante dos aspectos aqui considerados e da necessidade de novas possibilidades para o ensino de leitura, principalmente na perspectiva interativa, fica claro que o papel da escola e mais especificamente, do professor, no planejamento, é a formação de um leitor crítico e eficiente, um leitor capaz de desvelar significados, que vão além das aparências, da superfície do texto.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Aula de Português: encontro & interação. Parábola Editorial: São Paulo, 2003.

BAKHTIN, M. (Volochínov). Marxismo e filosofia da linguagem. 13. ed. Trad. M. Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.

BELTRÃO, E. S. e GORDILHO, T. Diálogo Língua Portuguesa. São Paulo, Editora FTD, 2012. 7º Ano.

BARROS, Manoel de. Tratado Geral das grandezas do ínfimo. Rio de Janeiro: Record, 2001.

KLEIMAN, Angela. Oficina de Leitura: teoria & prática. Pontes: Campinas, SP, 2004.

KOCH, Ingedore e Grunfield Villaça. Desvendando os Segredos do Texto. Cortez: São Paulo, 2002.

PRADO, Eliane M. As práticas dos professores de História nas escolas estaduais paulistas nas décadas de 1970 e 1980. São Paulo. Tese (Doutorado).

SOARES, Magda. Concepções de linguagem e o ensino da Língua Portuguesa. São Paulo: Educ: 1998.